

Relações pendulares na mediação da informação: arquivo - biblioteca - museu

Silvia Maria do Espírito Santo e Eduardo Murguía¹

Resumo

Objetiva-se, aqui, refletir sobre a organização do conhecimento, como parte nuclear da ciência da informação. É observada uma dimensão teórica dos pontos de intersecção ou de convergência, das instituições *coletoras de cultura*, entre os conceitos de informação, de papéis profissionais e da recepção pelo usuário. O resgate de fontes de produções teóricas associadas às práticas profissionais, sustentadas por teoria proporcionada pela produção acadêmica, busca redirecionar os estudos dessas instituições *coletoras de cultura*. Retoma-se, como linguagem figurada, o *spectrum*, para definir os limites e aproximações institucionais do museu, do arquivo e da biblioteca como campos de trabalho, principalmente na esfera pública. Abre-se um diálogo a partir das necessidades do usuário. Embora seja constante a insuficiência das referências nacionais – na prática e no conteúdo teórico – nos meios acadêmicos, certos autores esforçam-se no sentido de encontrar outras discussões para os problemas relativos aos usuários e testar soluções para construir novos paradigmas. Foram utilizadas comparações entre a figuração da palavra espectro e a da palavra pêndulo. A primeira foi aplicada por Homulos na análise do desenvolvimento do museu, do arquivo, da biblioteca e das relações entre eles. A segunda foi adotada, neste trabalho, para melhor caracterizar a relação institucional arquivo-biblioteca-museu, segmentos oscilantes e, muitas vezes, colaborativos entre si.

Palavras-chave: organização do conhecimento – instituições – papéis profissionais – espectro - pêndulo

¹ A Profa. Silvia Maria do Espírito Santo é docente no Curso Ciências da Informação e Documentação – Departamento de Física e Matemática da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/São Paulo/Brasil e Doutoranda do Curso Ciência da Informação - UNESP/Marília, silesan@usp.br; o Prof. Dr. Eduardo Murguía Marañon – é docente no Curso Ciências da Informação – Linha de pesquisa: Organização da Informação – Universidade Estadual Paulista, Marília – murguia@marilia.unesp.br. Agradecimentos especiais aos Profa. Dra. Adelaide de Almeida e Prof. Dr. Oswaldo Baffa Filho do Departamento de Física e Matemática da FFCL/USP/RP.

1 Apresentação

Este trabalho faz parte de pesquisa do projeto de doutorado, em desenvolvimento, no Curso Ciência da Informação, da linha Organização da Informação, da Unesp de Marília, no ano de 2005/2005. A partir do ponto de vista da organização das informações e do crescimento da Ciência da Informação, este texto se propõe a agregar elementos para valorizar o estudo das instituições culturais. As justificativas são colocadas para uma revisão teórica² dos princípios e conceitos da Ciência da Informação, no momento de definição de características diferenciais entre instituições públicas e privadas. Nesta apresentação, as instituições privadas excluem-se do alcance de preocupações teóricas ou das práticas aplicadas.

Os setores públicos já são conhecidos, pela problemática social, por não conseguirem equilibrar soluções satisfatórias, na maioria das vezes, no sentido de consolidar as bases da educação, da saúde e da cultura³. Em igual proporção, as instituições *coletoras de cultura*, em contextos políticos diferentes – arquivos, bibliotecas e museus – admitem sua problemática organizacional e procuram suprir suas deficiências com dedicação e desempenho. Na maioria das vezes, apesar dos esforços, tais instituições ficam comprometidas em seu desenvolvimento em razão de dificuldades semelhantes, na ordem da eficácia da aplicação conceitual, prática ou financeira da organização das informações.

O parentesco entre as 3 profissões é analisado, de forma muito interessante por Peter Homulos (ICOM-International Council of Museums, Comitê de Documentação), ao situar as bibliotecas e os museus nas extremidades de um espectro, ou contínuo, de instituições coletoras de cultura, e os arquivos nas posições medianas. Homulos (1990) considera virtualmente impossível distinguir claramente, no contínuo das 3 profissões, onde terminam as funções de uma **Maria**, e começam as de outra, uma vez que, de acordo com as especificações de acervos e públicos, cada **Maria** cobrirá uma parcela diferente do espectro. Esta análise leva Homulos a preconizar o diálogo constante e intenso entre os profissionais atuando na família das instituições coletoras de cultura. (SMIT, 1993).

Nos campos do arquivo, da biblioteca e do museu ainda se questionam as concepções do valor do tempo institucional voltado para as suas práticas, frente ao avanço tecnológico. A partir do início do século passado, com o auxílio da história da Ciência da Informação, os marcos teóricos de tais concepções são retomados e associados à necessidade de haver tolerância quanto aos estágios dos desenvolvimentos teórico e prático nesses ambientes informacionais brasileiros. Apesar das disparidades do contexto cultural e geográfico, essas instituições culturais localizam-se no epicentro da produção do conhecimento da memória social (KANTSTEINER, 2002) e da expansão cultural.

² A proposta do curso de pós-graduação da UNESP Marília, na disciplina Marcos Teóricos da Ciência da Informação (coordenada pelos Prof. Dr. José Augusto Guimarães e Prof. Dr. Eduardo Ismael Murguía) e também da ABECIN, 2005, Londrina, de “recuperar” os clássicos no sentido da revisão teórica construída durante o século XX.

³ Ao contrário, no país, há empresas privadas inseridas no movimento lucrativo globalizado do capitalismo e certifica-se o avanço dos setores tecnológicos integrados com pesquisa, gestão e produção.

Nessa medida, a proposta é observar a competência da Ciência da Informação para questionamentos entre informação e instituição; eles poderão servir de esclarecimento aos profissionais da informação, para que o ponto convergente desse centro-problema seja a atividade de organizar o conhecimento e a aplicação de seus métodos: teóricos, práticos ou tecnológicos.

Inicialmente, observa-se a necessidade de serem colocados limites na equivalência⁴ das instituições com outras áreas de trabalho, respeitando-se as metodologias correspondentes. Isso é pertinente para um mundo da pós-modernidade da ciência, multicultural e pluridimensional? Não se responde essa questão em um pequeno texto. É necessário considerar a discussão das abordagens relativas à sociedade da informação, concernentes à generalização da cultura midiática no campo da comunicação, sem deixar de focar as relações da funcionalidade da informação entre arquivo, biblioteca e museu.

Este relato de experiência acadêmica não exclui o estudo da mídia e das representações de informações, mas observa as mediações como processos sutis no encontro do sujeito com a informação. O trabalho refere-se à mudança de foco no sentido da importância do deslocamento da mediação - do papel do *profissional da informação* para o de *mediador da informação*.

As políticas culturais, até a década de 90⁵, estavam direcionando a ação cultural à mediação do pesquisador. Nesse contexto, ocorreram fenômenos de *apropriação* da informação que puderam ser vistos como influências simbólicas e significações (SMOLKA, 2000) de tal processo. E mais, foi sempre necessário o estudo do “lugar” do profissional da informação diante do termo *apropriação*, para realizar-se a transmissão para *outro* agente ativo transformador – o sujeito/usuário. A mudança de foco de pesquisa, do papel do mediador para o papel da informação, aparece no momento de compreender a Ciência da Informação como área multidisciplinar.

No período moderno, a representação do conhecimento *reafirmou* o contexto cultural baseada em funções de rupturas políticas (pós-guerra) e adoção de valores e classificações a partir dos binômios: arcaico/moderno, ciência/senso comum; nas dicotomias: popular/erudito, conhecimento/informação e sujeito/estado.

No período pós-moderno, a *apropriação* da informação subverte tais separações. Realizou-se, no século XX, o sentido do materialismo e da *apropriação* nas esferas econômicas e sociais, houve a transferência e a sistematização crítica da informação, no “emergente” discurso sobre a multiculturalidade e surgiram soluções para admissão científica de novos paradigmas.

O emprego do termo *apropriação* passou a ser mais exigente. Foucault (1996) percebe que se restringe *apropriação* à *influência*, com o empobrecimento do termo que tem muitas conotações. Há uma complexa transferência de sentidos e conversão de significados para o termo; por isso, reafirma-se a palavra *apropriação* como processo, advertência, abstração e expropriação.

No cenário das várias concepções teóricas esboça-se conversão e manipulação de *culturas* em novas formas de transferência: as transformações das *informações* (ou mediações do conhecimento) em *colaborações e diálogos*. Tais informações, ou

⁴ Baseado em Homulos (1989) e Smit (2000b), este texto procura retomar duas categorias interessantes elaboradas pelos autores: *spectrum e as 3 Marias, representação adotada para instituições como arquivo, museu e biblioteca*.

⁵ Durante o curso de mestrado, ECA, 2000, sob orientação do Prof. Dr. Martin Grossmann, nossa reflexão gerou em torno de limites, territórios e acessibilidade da informação, para processamento da *apropriação* da informação por artista. A mediação do pesquisador estava demarcada por esses limites.

mediações, ocorrem com características interativas, adicionais e *apropriativas* caracterizadas pela *identificação* ou pela *indefinição* com o sujeito.

No início do século XX, ainda se falava do pesquisador/mediador, aquele que interfere na realidade para realizar a transformação possível. Nessa medida de profundidade do problema, longe ainda das soluções definitivas, surgem outras necessidades de reflexão, não apenas sobre o papel dos profissionais – documentalistas administradores, gestores da informação, analistas ou especialistas – mas também sobre suas flexões diante do *documento/informação* (SMIT; TÁLAMO; KOBASHI, 2004b). A mediação das informações passa a ser vista como *apropriação* com característica de *interface* com o usuário/sujeito, dotada mais de posturas éticas (SMIT, 1994) do que da pragmática-teórica. Podem-se retomar as questões: *o quê é, para quê* e adiciona-se *para quem* estamos elaborando a informação?

1.1 Informação/documento ou documento/informação

Para um novo norte de ação contemporânea, a importância da *mediação da informação* estará em nosso horizonte. Não se descartam as práticas da ação cultural em Ciência da Informação, preocupadas com a mediação do pesquisador ou da instituição com a sociedade. As práticas entre organização e recuperação da informação têm sido aplicadas por profissionais em inúmeros acervos, de formas criativa e expansiva. Invertendo a lógica *documento/informação*, a utilização do termo *informação/documento*, que se apresenta como certa redundância, conseguiu caracterizar o crescimento do pesquisador quando passou a observar a *informação* do ponto de vista do primeiro plano, do documento reproduzível, imerso e circulante no fluxo documentário em contextos culturais diferenciados, com suportes tecnológicos ultrapassados ou até os de última geração. A seleção e otimização da transferência da informação cabe a todos profissionais das instituições – arquivo, museu e biblioteca – com suas respectivas especializações profissionais. (SMIT, 2000b).

Sejam quais forem as denominações para definir os locais de armazenamento da memória social⁶, as instituições do patrimônio cultural e da memória – a Arquivística, a Biblioteconomia e a Museologia – são observadas como interfaces da lingüística, da semiologia (SMIT, 1987) e da história. Adota-se a mediação da informação no sentido de transformação das instituições coletoras que dão acesso à informação, ou instituições que disponibilizam a informação (SMIT, 2000b). São as chamadas instituições culturais, as unidades de informação, os equipamentos culturais etc.

As experiências da aplicação de diagnósticos e análises documentárias têm se demonstrado eficientes no estudo da informação/documentação e na sua ampliação. A princípio, a releitura de alguns autores, como Smit e Homulos – que analisam essas teorias da natureza da informação, da organização e a disseminação delas – favorece a compreensão de procedimentos para solucionar problemas que se estendem na realidade

⁶ *Onde?* Esta questão de questionamento do *onde, porque e para quê*, aconselhada por Smit (2004a) auxilia a responder melhor as necessidades do usuário. O que era semelhante ao fim do processo, na verdade se insere na circularidade do movimento informacional – o fluxo documental. A pergunta do sobre o *lugar* de representação social remete às instituições-memória, que, além de armazenarem fisicamente documentos, são partes da relação indivíduo/sociedade na produção do conhecimento. A memória social é entendida como um campo complexo das narrativas, linguagem e representatividade de diversas formas culturais, étnicas, inseridas em determinado tempo, poder e espaço. Distinguem-se os significados conceituais e problemas metodológicos nas áreas diversas: estudos da memória, memória coletiva, memória, memória individual entre outros termos.

da mediação da informação e na organização do conhecimento no contexto brasileiro. Contextualizam-se, por fim, os processos da modernidade para a pós-modernidade. Resta saber o que de fato interessa ao usuário do espectro das instituições.

2 *Spectrum* e etapas de uma análise espectral

O museólogo Peter Homulos⁷ propõe realizar uma analogia da imagem de um espectro para aprofundar as relações das *instituições coletoras de cultura*. O texto *Museums to libraries: a family of collecting institutions* apresentado para a IFLA, em 1989, analisa a relação das instituições coletoras de cultura - museus, arquivos e bibliotecas. No caso, foi utilizada uma figuração do espectro para explicar as funções e papéis diferenciados das instituições.

Homulos, nesse texto de referência, utiliza a palavra *spectrum* para associar um *continuum* entre dois pontos, por exemplo, da decomposição da luz, como num antigo quadro sinóptico utilizado no ensino da física. Na análise por etapas espectrais da localização da biblioteca, do arquivo e do museu, os museus estão num extremo e as bibliotecas, em outro. Arquivos estão no centro, para o autor canadense.

Como no estudo da física, as etapas de um espectro são decorrentes da decomposição de uma coisa única. Para Homulos, separam-se as etapas em outras fases: a da natureza das coleções⁸, a do conteúdo da informação, e a da automação e a da relação com o público. O espectro das instituições colecionadoras é descrito com o uso de museus e de bibliotecas como extremos. Os princípios dos museus e das bibliotecas são semelhantes e as utilizações são diferenciadas, colecionadoras, coletoras, ou possuem funções similares⁹.

Os museus, quer sejam virtuais ou não, preocupam-se com objetos únicos e com o universo das coleções. Até que as informações publicadas em instrumentos de pesquisa possam ser apropriadas, os objetos museológicos são plenos de historicidade e diferem do documento, nas bibliotecas, embora o livro possa ser julgado como artefato, no campo do museu.

As bibliotecas pioneiras na implantação de sistemas cooperativos e automatizados para as suas coleções dão exemplo aos museus que estão assumindo a necessidade tecnológica. É importante lembrar que Otlet, já em 1934 (apud BUCKLAND, 1991) considerava *coleccionar* a característica comum às três instituições, com o sentido de proteger uma parte de nossa cultura, *administrar* e *dar acesso* às coleções.

Tais instituições referidas (bibliotecas-arquivos-museus) formam um espectro num *continuum* de necessidades e de problemas. Para os autores, Homulos e Smit, na composição do espectro, comparado aos argumentos já centenários de Otlet, a Ciência da Informação prevê novos paradigmas para a pós-modernidade embora haja questionamento quanto aos métodos de trabalhar as áreas fronteiriças dessas instituições (SMIT, 1994).

⁷ Peter Homulos, director general, Information Management, Department of Canadian Heritage. Disponível em: <<http://www.rlg.org/legacy/pr/9508nbd.html>>. Acesso em 21 jun. 2006.

⁸ Retoma-se essa questão e será necessário lembrar que o autor preocupa-se com a multiculturalidade em seu país, a partir da diversidade étnica. A representação política de Homulos no governo canadense está veiculada nos sites citados neste trabalho.

⁹ Em que medida pode-se admitir um “espírito” conservacionista na pós-modernidade? São questões que não cabe aqui serem respondidas, embora sejam pertinentes às preocupações da área da Ciência da Informação, quanto à formação do profissional.

A construção de um espectro, para Homulos, talvez seja decorrente de uma forte característica da pós-modernidade, da multiculturalidade de seu país (Canadá)¹⁰ e da efetiva utilização tecnológica por museus, arquivos e bibliotecas. Por essa vertente, dá-se destaque às diferentes visões do que seja administrar a informação para povos diferenciados e multiculturais. Assim, essa reflexão se aplicaria ao Brasil, não pelas soluções já conquistadas, mas por possuir características da multicultura, porém, para ainda serem resolvidas no que se refere ao acesso à informação.

As definições para tais significados, nessas instituições *coletoras de cultura*, talvez tenham sido originadas no espectro analítico baseado em necessidades socioculturais antecedentes. Elas se referem à diversidade étnica e a todo o processo de criação, de administração, de processamento e de comunicação. Ocorre que, no ambiente informativo multicultural brasileiro, as diferenças são garantidas (e não respeitadas), pela legislação e por códigos de ética, no contexto da contínua carência de suportes inovadores. Acredita-se que um nível satisfatório será atingido a partir do respeito à diversidade institucional, em decorrência das diferenças informativas e culturais. Parte-se do ponto de ruptura na rigidez da relação entre museu, arquivo e biblioteca, como ambientes promotores e de descobertas de novos conhecimentos.

2.1 Como realizar o domínio desse espectro?

O papel institucional, para ser desenvolvido, depende do grau de cooperação no desenvolvimento de melhores métodos de administração e da capacidade de conhecer o potencial transformador do usuário. Como já observado, o modelo de Homulos constitui-se da visão das instituições coletoras de cultura, com a situação dos museus num extremo, os arquivos no meio do espectro e as bibliotecas na outra extremidade – museus-arquivos-bibliotecas. Entende-se que há, na natureza das coleções, um grau de singularidade entre museus e bibliotecas: enquanto museus lutam por objetos únicos, as bibliotecas possuem alto grau de duplicação entre instituições similares. O autor destaca um diferencial que é definido, nessas instituições, pelo seu conteúdo informacional. O domínio do espectro ocorre pela representação do conteúdo com a utilização de diversas linguagens documentárias (vocabulários controlados, tesouros e linguagens clássicas), como um recurso conhecido para se realizar uma decomposição espectral, criar caminhos de acesso para chegar ao “pote de ouro” do conhecimento “escondido pela luz”.

2.2 O conteúdo da informação representada nas instituições coletoras e o espectro

Os conteúdos das informações são muito diferentes entre as extremidades opostas desse espectro. Além das características físicas, o objeto do museu poderá “contar” pouco sobre ele mesmo sem que haja uma representação descritiva. Com origens na Biblioteconomia, nas classificações da história ou da ciência, a ponte da informação, nas bibliotecas são coleções automatizadas há muito mais tempo e de forma

¹⁰Há convivência e atuação em política cultural voltada para a multiculturalidade dos povos dos grupos formados por indígenas, negros, asiáticos e experiências digitais de cooperações, organizações não governamentais, catálogos globais (Museum Documentation Association - MDA (SPECTRUM, 2006), Visual Resources Association - VRA, RLG e OCLC - Online Computer Library Center, entre outros).

mais sistemática do que nos museus¹¹. As coleções museológicas, comumente, são usadas para interpretar e ilustrar temas de busca do interessado.

Quanto à relação com o público, os museus, os arquivos, os centros de documentação¹² e as bibliotecas interagem de formas diversas com seus usuários e, ainda, tais coleções são diretamente usadas pelo público que a elas recorrem. Homulos conclui que, compreendidos pelos extremos, permanecem os arquivos no meio desse espectro, decomposto conforme a natureza das suas coleções, fundos e séries, razão de existência (proveniência) de toda instituição. É necessário, então, responder: *para quê e para quem*.

Vantagens e desvantagens, quando se trata da natureza das coleções pela analogia do espectro, apontam para que a biblioteca tire melhor proveito de sua “catalogação dividida”. O museu possui, em contrapartida, uma relação mais íntima com os visitantes, utiliza qualitativamente seu espaço para que seu público venha realizar digressões, ter sensações auditivas, visuais, sensoriais, nos locais de encontro íntimo com o objeto.

O conteúdo da informação, na biblioteca, insere-se na documentação das informações, que é o seu método de acesso. Na tradição de acesso ao museu e ao arquivo, há continuidade de conservação e de catalogação, como recurso visual descritivo, virtual ou impresso. A automação corresponde à demanda do conteúdo informacional, ao uso e à administração dele e favorecem a qualidade da indexação para melhor atendimento.

Entre todas as questões diferenciais ou de aproximação levantadas por Homulos e Smit, estão aparentes a contestação da rigidez das práticas profissionais, por vezes limitadoras do relacionamento profissional e pouco contribuintes para o crescimento das ciências da informação. Verifica-se que, a partir dos contextos culturais brasileiros, ainda permanece uma força externa conservadora, que limita, para instituições, os benefícios dos resultados da interação, da apropriação e da transformação das informações.

Nota-se uma insistente *relação pendular* institucional atraída por interesses da documentação/informação, por políticas culturais restritas ou amplas, por trocas sistemáticas ou pelas fragilidades tecnológicas, por rupturas de interesses nas flutuações econômicas brasileiras. Todo esse conjunto de fatores contribui para confirmar que tais relações institucionais, situadas num espectro são, na verdade, pendulares.

3 As relações pendulares na mediação da informação

Nesse momento de mudança de ênfase acadêmica relativa às ciências da informação – do acervo para o documento, do documento para a informação e recuperada a história e marcos teóricos da Ciência da Informação –, surgem campos férteis mais voltados para o aprofundamento das mediações das informações. Um bom exemplo disso é a presença e o uso de documentos digitais e audiovisuais (SMIT, 1993) e uma farta tecnologia disponível para organizar e disponibilizar documentação

¹¹ Sobretudo no Brasil, as experiências com museus e uso tecnológico, ainda têm sido muito tímidas.. Exemplos como o Museu Paulista da Universidade de São Paulo e o Museu de Arte Contemporânea, aplicam softwares especializados em banco de imagens para fotografias e descrição de obras de arte.

¹² Centros de documentação, arquivos e coleções de bibliotecas são apropriadas por muitos museus e exigem práticas que respeitem cada metodologia (BELLOTO, 2004).

diferenciada. Smit alerta para que tais instituições sejam tratadas com metodologias próprias, em função do uso e das práticas da documentação, pelas tipologias institucionais consolidadas ao longo de séculos.

A gestão da memória – seleção, coleta e avaliação de documentos/objetos e estoques informacionais, a produção de informação documentária, a representação das informações e a sua produção em bases de dados, catálogos, resumos etc. –, localizam a mediação das informações em campos de natureza mais exigentes, com características estéticas e sensoriais e integram-se num quadro de comunicação com vistas à efetiva transferência da informação.

Na informação documentária produzida por profissionais da biblioteca em processamento técnico, na valorização da memória em arquivos e na expansão da Museologia, não se questiona a competência da Ciência da Informação, enquanto disciplina científica, para auxiliar e permitir um mapeamento da gestão da memória, produção da informação e mediação, mas indaga-se quando isso poderá acontecer de fato. O uso da figura do pêndulo poderá indicar atrações e diagnosticar aproximações metodológicas provocadas pela intencionalidade, colaboração e mediação das trocas pendulares, com o romper de estruturas antigas e obsoletas.

4 Considerações Finais

Este trabalho é parte de uma discussão de autores contemporâneos da Ciência da Informação, que toma, como exemplos, a problemática da gestão das informações em arquivos, bibliotecas e museus (HOMULOS, 1989). Desde a década de 70, a informação deixa de ocupar o lugar central das discussões da Ciência da Informação, reorientando-se para a reflexão de seu papel como objeto de uma nova ciência. Em local menos privilegiado de suas preocupações, a Ciência da Informação elegeu, no lugar dos acervos, a relação com o usuário como prioridade. No que tange ao espírito de fusão dessas preocupações, há continuidade de práticas voltadas para solucionar problemas da base social, de políticas culturais, do uso da tecnologia e da ausência de recursos humanos especializados, na aplicação conceitual apropriada aos contextos diferenciados. A busca de soluções, como propõe Smit (2000a), poderá ser decorrente da ruptura da rigidez metodológica e profissional das instituições situadas nos extremos do *espectro* das instituições coletoras – bibliotecas e museus. Ou, então, a solução estará mais próxima quando forem assumidas as atrações pendulares das instituições que garantem, de fato, a memória social. As referências bibliográficas foram aqui utilizadas para melhor caracterizar a relação institucional arquivo-biblioteca-museu, espectrais ou oscilantes, embora muitas vezes colaborativas em relações pendulares.

5 Referências

BELLOTO, H. L. **Arquivos permanentes**. Tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of de American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n.5, p-351-360, 1991.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collecting institutions. The paper presented to the **IFLA Section of Art Libraries at Paris**, August 1989.

KANTSTEINER, W. Finding meaning in memory: a methodological critique of collective memory studies. **History and Theory**, v.41, n.2, p.179-197, 2002. Disponível em: <<http://wos.isiknowledge.com/CIW.cgi>>. Acessado em 23 jun. 2006.

SMIT, J.W. Ciências da Informação, arquivologia e vocabulário controlado. Palestra apresentada à. **I Semana de Estudos. Ciências da Informação e seus desdobramentos**. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. Ribeirão Preto, setembro de 2004a.

_____.; TÁLAMO, M. de F. G. M.; KOBASHI, N. Y. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v.5, n.1, fev. 2004b. Disponível em: <<http://www.dgz.com.br>>. Acesso em 2 mar. 2006.

_____. Arquivologia, biblioteconomia e museologia – O que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Nova Série**, v.1, n.2, p. 27-36, 2000a.

_____. O profissional da informação e sua relação com as áreas de biblioteconomia/documentação, arquivologia e museologia. In: VALENTIM, M. P. (Org.) **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000b.

_____. Eu, bibliotecário, RG XXX e CPF YYY, trabalho em arquivo ou museu... algum problema? **Revista Palavra-Chave**, n.8, p.12-13, 1994. Disponível em: <http://academica.extralibris.info/biblioteconomia/eu_bibliotecario_trabalho_em_a.html>. Acesso em: 02 mar. 2006.

_____. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v.26, n.1/2, p.81-85, jan./jun.1993.

_____. (coord.). **A análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Cad. CEDES**, Campinas, v.20, n.50, abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000100003>. Acesso em 27 jun. 2006.

SPECTRUM Terminology. Disponível em: <<http://www.mda.org.uk/spectrum.htm>>. Acesso em 21 jun. 2006.

ANCIB
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO E
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

GT 3: Mediação, Circulação e Uso da informação
Coordenador: Kátia Maria de Carvalho - UFBA

RELAÇÕES PENDULARES NA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO:
ARQUIVO-BIBLIOTECA-MUSEU

MARÍLIA UNESP

2006

Resumo

Este trabalho busca uma comparação entre os papéis institucionais do arquivo, biblioteca e museu, no âmbito da Ciência da Informação, como parte nuclear de suas teorias. A partir das discussões a respeito da relação do profissional da área, com os conceitos de autores contemporâneos, conquista-se uma dimensão *teórica* da organização do conhecimento. Buscou-se o resgate de fontes de produções teóricas, entre os pontos de intersecção ou de convergência das instituições-memória, com os conceitos manejáveis da informação, dos papéis profissionais e da recepção do usuário.

Palavras-chave: organização do conhecimento – instituições – papéis profissionais – espectro – pêndulo

Abstract

This work searches a comparison enters the institucional papers of the archive, library and museum, in the scope of the Science of the Information, as nuclear part of its theories. From the quarrels regarding the relation of the professional of the area, with the concepts of authors contemporaries, conquest a theoretical dimension of the organization of the knowledge. The rescue of sources of theoretical productions searched, it enters the points of intersecção or convergence of the institution-memory, with the manageable concepts of the information, of the professional papers and the reception of the user.

Keywords: organization of the knowledge – institutions – professional papers – specter – pendulum

1 Apresentação

Este trabalho faz parte de pesquisa do projeto de doutorado, em desenvolvimento, no Curso Ciência da Informação, da linha Organização da Informação, da Unesp de Marília, no ano de 2005/2005. A partir do ponto de vista da organização das informações e do crescimento da Ciência da Informação, este texto se propõe a agregar elementos para valorizar o estudo das instituições culturais. As justificativas são colocadas para uma revisão teóricaⁱ dos princípios e conceitos da Ciência da Informação, no momento de definição de características diferenciais entre instituições públicas e privadas. Nesta apresentação, as instituições privadas excluem-se do alcance de preocupações teóricas ou das práticas aplicadas.

Os setores públicos já são conhecidos, pela problemática social, por não conseguirem equilibrar soluções satisfatórias, na maioria das vezes, no sentido de consolidar as bases da educação, da saúde e da culturaⁱⁱ. Em igual proporção, as instituições *coletoras de cultura*, em contextos políticos diferentes – arquivos, bibliotecas e museus – admitem sua problemática organizacional e procuram suprir suas deficiências com dedicação e desempenho. Na maioria das vezes, apesar dos esforços, tais instituições ficam comprometidas em seu desenvolvimento em razão de dificuldades semelhantes, na ordem da eficácia da aplicação conceitual, prática ou financeira da organização das informações.

O parentesco entre as 3 profissões é analisado, de forma muito interessante por Peter Homulos (ICOM-International Council of Museums, Comitê de Documentação), ao situar as bibliotecas e os museus nas extremidades de um espectro, ou contínuo, de instituições coletoras de cultura, e os arquivos nas posições medianas. Homulos (1990) considera virtualmente impossível distinguir claramente, no contínuo das 3 profissões, onde terminam as funções de uma **Maria**, e começam as de outra, uma vez que, de acordo com as especificações de acervos e públicos, cada **Maria** cobrirá uma parcela diferente do espectro. Esta análise leva Homulos a preconizar o diálogo constante e intenso entre os profissionais atuando na família das instituições coletoras de cultura. (SMIT, 1993).

Nos campos do arquivo, da biblioteca e do museu ainda se questionam as concepções do valor do tempo institucional voltado para as suas práticas, frente ao avanço tecnológico. A partir do início do século passado, com o auxílio da história da Ciência da Informação, os marcos teóricos de tais concepções são retomados e associados à necessidade de haver tolerância quanto aos estágios dos desenvolvimentos teórico e prático nesses ambientes informacionais brasileiros. Apesar das disparidades do contexto cultural e geográfico, essas instituições culturais localizam-se no epicentro da produção do conhecimento da memória social (KANTSTEINER, 2002) e da expansão cultural.

Nessa medida, a proposta é observar a competência da Ciência da Informação para questionamentos entre informação e instituição; eles poderão servir de esclarecimento aos profissionais da informação, para que o ponto convergente desse centro-problema seja a

atividade de organizar o conhecimento e a aplicação de seus métodos: teóricos, práticos ou tecnológicos.

Inicialmente, observa-se a necessidade de serem colocados limites na equivalênciaⁱⁱⁱ das instituições com outras áreas de trabalho, respeitando-se as metodologias correspondentes. Isso é pertinente para um mundo da pós-modernidade da ciência, multicultural e pluridimensional? Não se responde essa questão em um pequeno texto. É necessário considerar a discussão das abordagens relativas à sociedade da informação, concernentes à generalização da cultura midiática no campo da comunicação, sem deixar de focar as relações da funcionalidade da informação entre arquivo, biblioteca e museu.

Este relato de experiência acadêmica não exclui o estudo da mídia e das representações de informações, mas observa as mediações como processos sutis no encontro do sujeito com a informação. O trabalho refere-se à mudança de foco no sentido da importância do deslocamento da mediação - do papel do *profissional da informação* para o de *mediador da informação*.

As políticas culturais, até a década de 90^{iv}, estavam direcionando a ação cultural à mediação do pesquisador. Nesse contexto, ocorreram fenômenos de *apropriação* da informação que puderam ser vistos como influências simbólicas e significações (SMOLKA, 2000) de tal processo. E mais, foi sempre necessário o estudo do “lugar” do profissional da informação diante do termo *apropriação*, para realizar-se a transmissão para *outro* agente ativo transformador – o sujeito/usuário. A mudança de foco de pesquisa, do papel do mediador para o papel da informação, aparece no momento de compreender a Ciência da Informação como área multidisciplinar.

No período moderno, a representação do conhecimento *reafirmou* o contexto cultural baseada em funções de rupturas políticas (pós-guerra) e adoção de valores e classificações a partir dos binômios: arcaico/moderno, ciência/senso comum; nas dicotomias: popular/erudito, conhecimento/informação e sujeito/estado.

No período pós-moderno, a *apropriação* da informação subverte tais separações. Realizou-se, no século XX, o sentido do materialismo e da *apropriação* nas esferas econômicas e sociais, houve a transferência e a sistematização crítica da informação, no “emergente” discurso sobre a multiculturalidade e surgiram soluções para admissão científica de novos paradigmas.

O emprego do termo *apropriação* passou a ser mais exigente. Foucault (1996) percebe que se restringe *apropriação* à *influência*, com o empobrecimento do termo que tem muitas conotações. Há uma complexa transferência de sentidos e conversão de significados para o termo; por isso, reafirma-se a palavra *apropriação* como processo, advertência, abstração e expropriação.

No cenário das várias concepções teóricas esboça-se conversão e manipulação de *culturas* em novas formas de transferência: as transformações das *informações* (ou mediações do conhecimento) em *colaborações e diálogos*. Tais informações, ou mediações, ocorrem com características interativas, adicionais e *apropriativas* caracterizadas pela *identificação* ou pela *indefinição* com o sujeito.

No início do século XX, ainda se falava do pesquisador/mediador, aquele que interfere na realidade para realizar a transformação possível. Nessa medida de profundidade do problema, longe ainda das soluções definitivas, surgem outras necessidades de reflexão, não apenas sobre o papel dos profissionais – documentalistas administradores, gestores da informação, analistas ou especialistas – mas também sobre suas flexões diante do *documento/informação* (SMIT; TÁLAMO; KOBASHI, 2004b). A mediação das informações passa a ser vista como *apropriação* com característica de *interface* com o usuário/sujeito, dotada mais de posturas éticas (SMIT, 1994) do que da pragmática-teórica.

Podem-se retomar as questões: *o quê é, para quê* e adiciona-se *para quem* estamos elaborando a informação?

1.1 Informação/documento ou documento/informação

Para um novo norte de ação contemporânea, a importância da *mediação da informação* estará em nosso horizonte. Não se descartam as práticas da ação cultural em Ciência da Informação, preocupadas com a mediação do pesquisador ou da instituição com a sociedade. As práticas entre organização e recuperação da informação têm sido aplicadas por profissionais em inúmeros acervos, de formas criativa e expansiva. Invertendo a lógica *documento/informação*, a utilização do termo *informação/documento*, que se apresenta como certa redundância, conseguiu caracterizar o crescimento do pesquisador quando passou a observar a *informação* do ponto de vista do primeiro plano, do documento reproduzível, imerso e circulante no fluxo documentário em contextos culturais diferenciados, com suportes tecnológicos ultrapassados ou até os de última geração. A seleção e otimização da transferência da informação cabe a todos profissionais das instituições – arquivo, museu e biblioteca – com suas respectivas especializações profissionais. (SMIT, 2000b).

Sejam quais forem as denominações para definir os locais de armazenamento da memória social^v, as instituições do patrimônio cultural e da memória – a Arquivística, a Biblioteconomia e a Museologia – são observadas como interfaces da lingüística, da semiologia (SMIT, 1987) e da história. Adota-se a mediação da informação no sentido de transformação das instituições coletoras que dão acesso à informação, ou instituições que disponibilizam a informação (SMIT, 2000b). São as chamadas instituições culturais, as unidades de informação, os equipamentos culturais etc.

As experiências da aplicação de diagnósticos e análises documentárias têm se demonstrado eficientes no estudo da informação/documentação e na sua ampliação. A princípio, a releitura de alguns autores, como Smit e Homulos – que analisam essas teorias da natureza da informação, da organização e a disseminação delas – favorece a compreensão de procedimentos para solucionar problemas que se estendem na realidade da mediação da informação e na organização do conhecimento no contexto brasileiro. Contextualizam-se, por fim, os processos da modernidade para a pós-modernidade. Resta saber o que de fato interessa ao usuário do espectro das instituições.

2 *Spectrum* e etapas de uma análise espectral

O museólogo Peter Homulos^{vi} propõe realizar uma analogia da imagem de um espectro para aprofundar as relações das *instituições coletoras de cultura*. O texto *Museums to libraries: a family of collecting institutions* apresentado para a IFLA, em 1989, analisa a relação das instituições coletoras de cultura - museus, arquivos e bibliotecas. No caso, foi utilizada uma figuração do espectro para explicar as funções e papéis diferenciados das instituições.

Homulos, nesse texto de referência, utiliza a palavra *spectrum* para associar um *continuum* entre dois pontos, por exemplo, da decomposição da luz, como num antigo quadro sinóptico utilizado no ensino da física. Na análise por etapas espectrais da

localização da biblioteca, do arquivo e do museu, os museus estão num extremo e as bibliotecas, em outro. Arquivos estão no centro, para o autor canadense.

Como no estudo da física, as etapas de um espectro são decorrentes da decomposição de uma coisa única. Para Homulos, separam-se as etapas em outras fases: a da natureza das coleções^{vii}, a do conteúdo da informação, e a da automação e a da relação com o público. O espectro das instituições colecionadoras é descrito com o uso de museus e de bibliotecas como extremos. Os princípios dos museus e das bibliotecas são semelhantes e as utilizações são diferenciadas, colecionadoras, coletoras, ou possuem funções similares^{viii}.

Os museus, quer sejam virtuais ou não, preocupam-se com objetos únicos e com o universo das coleções. Até que as informações publicadas em instrumentos de pesquisa possam ser apropriadas, os objetos museológicos são plenos de historicidade e diferem do documento, nas bibliotecas, embora o livro possa ser julgado como artefato, no campo do museu.

As bibliotecas pioneiras na implantação de sistemas cooperativos e automatizados para as suas coleções dão exemplo aos museus que estão assumindo a necessidade tecnológica. É importante lembrar que Otlet, já em 1934 (apud BUCKLAND, 1991) considerava *coleccionar* a característica comum às três instituições, com o sentido de proteger uma parte de nossa cultura, *administrar* e *dar acesso* às coleções.

Tais instituições referidas (bibliotecas-arquivos-museus) formam um espectro num *continuum* de necessidades e de problemas. Para os autores, Homulos e Smit, na composição do espectro, comparado aos argumentos já centenários de Otlet, a Ciência da Informação prevê novos paradigmas para a pós-modernidade embora haja questionamento quanto aos métodos de trabalhar as áreas fronteiriças dessas instituições (SMIT, 1994).

A construção de um espectro, para Homulos, talvez seja decorrente de uma forte característica da pós-modernidade, da multiculturalidade de seu país (Canadá)^{ix} e da efetiva utilização tecnológica por museus, arquivos e bibliotecas. Por essa vertente, dá-se destaque às diferentes visões do que seja administrar a informação para povos diferenciados e multiculturais. Assim, essa reflexão se aplicaria ao Brasil, não pelas soluções já conquistadas, mas por possuir características da multicultura, porém, para ainda serem resolvidas no que se refere ao acesso à informação.

As definições para tais significados, nessas instituições *coletoras de cultura*, talvez tenham sido originadas no espectro analítico baseado em necessidades socioculturais antecedentes. Elas se referem à diversidade étnica e a todo o processo de criação, de administração, de processamento e de comunicação. Ocorre que, no ambiente informativo multicultural brasileiro, as diferenças são garantidas (e não respeitadas), pela legislação e por códigos de ética, no contexto da contínua carência de suportes inovadores. Acredita-se que um nível satisfatório será atingido a partir do respeito à diversidade institucional, em decorrência das diferenças informativas e culturais. Parte-se do ponto de ruptura na rigidez da relação entre museu, arquivo e biblioteca, como ambientes promotores e de descobertas de novos conhecimentos.

2.1 Como realizar o domínio desse espectro?

O papel institucional, para ser desenvolvido, depende do grau de cooperação no desenvolvimento de melhores métodos de administração e da capacidade de conhecer o potencial transformador do usuário. Como já observado, o modelo de Homulos constitui-se da visão das instituições coletoras de cultura, com a situação dos museus num extremo, os

arquivos no meio do espectro e as bibliotecas na outra extremidade – museus-arquivos-bibliotecas. Entende-se que há, na natureza das coleções, um grau de singularidade entre museus e bibliotecas: enquanto museus lutam por objetos únicos, as bibliotecas possuem alto grau de duplicação entre instituições similares. O autor destaca um diferencial que é definido, nessas instituições, pelo seu conteúdo informacional. O domínio do espectro ocorre pela representação do conteúdo com a utilização de diversas linguagens documentárias (vocabulários controlados, tesouros e linguagens clássicas), como um recurso conhecido para se realizar uma decomposição espectral, criar caminhos de acesso para chegar ao “pote de ouro” do conhecimento “escondido pela luz”.

2. 2 O conteúdo da informação representada nas instituições coletoras e o espectro

Os conteúdos das informações são muito diferentes entre as extremidades opostas desse espectro. Além das características físicas, o objeto do museu poderá “contar” pouco sobre ele mesmo sem que haja uma representação descritiva. Com origens na Biblioteconomia, nas classificações da história ou da ciência, a ponte da informação, nas bibliotecas são coleções automatizadas há muito mais tempo e de forma mais sistemática do que nos museus^x. As coleções museológicas, comumente, são usadas para interpretar e ilustrar temas de busca do interessado.

Quanto à relação com o público, os museus, os arquivos, os centros de documentação^{xi} e as bibliotecas interagem de formas diversas com seus usuários e, ainda, tais coleções são diretamente usadas pelo público que a elas recorrem. Homulos conclui que, compreendidos pelos extremos, permanecem os arquivos no meio desse espectro, decomposto conforme a natureza das suas coleções, fundos e séries, razão de existência (proveniência) de toda instituição. É necessário, então, responder: *para quê e para quem*.

Vantagens e desvantagens, quando se trata da natureza das coleções pela analogia do espectro, apontam para que a biblioteca tire melhor proveito de sua “catalogação dividida”. O museu possui, em contrapartida, uma relação mais íntima com os visitantes, utiliza qualitativamente seu espaço para que seu público venha realizar digressões, ter sensações auditivas, visuais, sensoriais, nos locais de encontro íntimo com o objeto.

O conteúdo da informação, na biblioteca, insere-se na documentação das informações, que é o seu método de acesso. Na tradição de acesso ao museu e ao arquivo, há continuidade de conservação e de catalogação, como recurso visual descritivo, virtual ou impresso. A automação corresponde à demanda do conteúdo informacional, ao uso e à administração dele e favorecem a qualidade da indexação para melhor atendimento.

Entre todas as questões diferenciais ou de aproximação levantadas por Homulos e Smit, estão aparentes a contestação da rigidez das práticas profissionais, por vezes limitadoras do relacionamento profissional e pouco contribuintes para o crescimento das Ciências da Informação. Verifica-se que, a partir dos contextos culturais brasileiros, ainda permanece uma força externa conservadora, que limita, para instituições, os benefícios dos resultados da interação, da apropriação e da transformação das informações.

Nota-se uma insistente *relação pendular* institucional atraída por interesses da documentação/informação, por políticas culturais restritas ou amplas, por trocas sistemáticas ou pelas fragilidades tecnológicas, por rupturas de interesses nas flutuações econômicas brasileiras. Todo esse conjunto de fatores contribui para confirmar que tais relações institucionais, situadas num espectro são, na verdade, pendulares.

3 As relações pendulares na mediação da informação

Nesse momento de mudança de ênfase acadêmica relativa às ciências da informação – do acervo para o documento, do documento para a informação e recuperada a história e marcos teóricos da Ciência da Informação –, surgem campos férteis mais voltados para o aprofundamento das mediações das informações. Um bom exemplo disso é a presença e o uso de documentos digitais e audiovisuais (SMIT, 1993) e uma farta tecnologia disponível para organizar e disponibilizar documentação diferenciada. Smit alerta para que tais instituições sejam tratadas com metodologias próprias, em função do uso e das práticas da documentação, pelas tipologias institucionais consolidadas ao longo de séculos.

A gestão da memória – seleção, coleta e avaliação de documentos/objetos e estoques informacionais, a produção de informação documentária, a representação das informações e a sua produção em bases de dados, catálogos, resumos etc. –, localizam a mediação das informações em campos de natureza mais exigentes, com características estéticas e sensoriais e integram-se num quadro de comunicação com vistas à efetiva transferência da informação.

Na informação documentária produzida por profissionais da biblioteca em processamento técnico, na valorização da memória em arquivos e na expansão da Museologia, não se questiona a competência da Ciência da Informação, enquanto disciplina científica, para auxiliar e permitir um mapeamento da gestão da memória, produção da informação e mediação, mas indaga-se quando isso poderá acontecer de fato. O uso da figura do pêndulo poderá indicar atrações e diagnosticar aproximações metodológicas provocadas pela intencionalidade, colaboração e mediação das trocas pendulares, com o romper de estruturas antigas e obsoletas.

4 Considerações Finais

Este trabalho é parte de uma discussão de autores contemporâneos da Ciência da Informação, que toma, como exemplos, a problemática da gestão das informações em arquivos, bibliotecas e museus (HOMULOS, 1989). Desde a década de 70, a informação deixa de ocupar o lugar central das discussões da Ciência da Informação, reorientando-se para a reflexão de seu papel como objeto de uma nova ciência. Em local menos privilegiado de suas preocupações, a Ciência da Informação elegeu, no lugar dos acervos, a relação com o usuário como prioridade. No que tange ao espírito de fusão dessas preocupações, há continuidade de práticas voltadas para solucionar problemas da base social, de políticas culturais, do uso da tecnologia e da ausência de recursos humanos especializados, na aplicação conceitual apropriada aos contextos diferenciados. A busca de soluções, como propõe Smit (2000a), poderá ser decorrente da ruptura da rigidez metodológica e profissional das instituições situadas nos extremos do *espectro* das instituições coletoras – bibliotecas e museus. Ou, então, a solução estará mais próxima quando forem assumidas as atrações pendulares das instituições que garantem, de fato, a memória social. As referências bibliográficas foram aqui utilizadas para melhor caracterizar a relação institucional arquivo-biblioteca-museu, espectrais ou oscilantes, embora muitas vezes colaborativas em relações pendulares.

5 Referências

BELLOTO, H. L. **Arquivos permanentes**. Tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of de American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n.5, p-351-360, 1991.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HOMULOS, P. Museums to librarieis: a family of collecting institutions. The paper presented to the **IFLA Section of Art Libraries at Paris**, August 1989.

KANTSTEINER, W. Finding meaning in memory: a methodological critique of collective memory studies. **History and Theory**, v.41, n.2, p.179-197, 2002. Disponível em: <<http://wos.isiknowledge.com/CIW.cgi>>. Acessado em 23 jun. 2006.

SMIT. J.W. Ciências da Informação, arquivologia e vocabulário controlado. Palestra apresentada à. **I Semana de Estudos. Ciências da Informação e seus desdobramentos**. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. Ribeirão Preto, setembro de 2004a.

_____.; TÁLAMO, M. de F. G. M.; KOBASHI, N. Y. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.5, n.1, fev. 2004b. Disponível em; <<http://www.dgz.com.br>>. Acesso em 2 mar. 2006.

_____. Arquivologia, biblioteconomia e museologia – O que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Nova Série**, v.1, n.2, p. 27-36, 2000a.

_____. O profissional da informação e sua relação com as áreas de biblioteconomia/documentação, arquivologia e museologia. In: VALENTIM, M. P. (Org.) **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000b.

_____. Eu, bibliotecário, RG XXX e CPF YYY, trabalho em arquivo ou museu... algum problema? **Revista Palavra-Chave**, n.8, p.12-13, 1994. Disponível em: <http://academica.extralibris.info/biblioteconomia/eu_bibliotecario_trabalho_em_a.html>. Acesso em: 02 mar. 2006.

_____. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v.26, n.1/2, p.81-85, jan./jun.1993.

_____. (coord.). **A análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Cad. CEDES**, Campinas, v.20, n.50, abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000100003>. Acesso em 27 jun. 2006.

SPECTRUM Terminology. Disponível em: <<http://www.mda.org.uk/spectrum.htm>>. Acesso em 21 jun. 2006.

NOTAS

ⁱ A proposta do curso de pós-graduação da UNESP Marília, na disciplina Marcos Teóricos da Ciência da Informação (coordenada pelos Prof. Dr. José Augusto Guimarães e Prof. Dr. Eduardo Ismael Murguía) e também da ABECIN, 2005, Londrina, de “recuperar” os clássicos no sentido da revisão teórica construída durante o século XX.

ⁱⁱ Ao contrário, no país, há empresas privadas inseridas no movimento lucrativo globalizado do capitalismo e certifica-se o avanço dos setores tecnológicos integrados com pesquisa, gestão e produção.

ⁱⁱⁱ Baseado em Homulos (1989) e Smit (2000b), este texto procura retomar duas categorias interessantes elaboradas pelos autores: *spectrum e as 3 Marias, representação adotada para instituições como arquivo, museu e biblioteca*.

^{iv} Durante o curso de mestrado, ECA, 2000, sob orientação do Prof. Dr. Martin Grossmann, nossa reflexão gerou em torno de limites, territórios e acessibilidade da informação, para processamento da apropriação da informação por artista. A mediação do pesquisador estava demarcada por esses limites.

^v *Onde?* Esta questão de questionamento do *onde, porque e para quê*, aconselhada por Smit (2004a) auxilia a responder melhor as necessidades do usuário. O que era semelhante ao fim do processo, na verdade se insere na circularidade do movimento informacional – o fluxo documental. A pergunta do sobre o *lugar* de representação social remete às instituições-memória, que, além de armazenarem fisicamente documentos, são partes da relação indivíduo/sociedade na produção do conhecimento. A memória social é entendida como um campo complexo das narrativas, linguagem e representatividade de diversas formas culturais, étnicas, inseridas em determinado tempo, poder e espaço. Distinguem-se os significados conceituais e problemas metodológicos nas áreas diversas: estudos da memória coletiva, memória, memória individual entre outros termos.

^{vi} Peter Homulos, director general, Information Management, Department of Canadian Heritage. Disponível em: <<http://www.rlg.org/legacy/pr/9508nbd.html>>. Acesso em 21 jun. 2006.

^{vii} Retoma-se essa questão e será necessário lembrar que o autor preocupa-se com a multiculturalidade em seu país, a partir da diversidade étnica. A representação política de Homulos no governo canadense está veiculada nos sites citados neste trabalho.

^{viii} Em que medida pode-se admitir um “espírito” conservacionista na pós-modernidade? São questões que não cabe aqui serem respondidas, embora sejam pertinentes às preocupações da área da Ciência da Informação, quanto à formação do profissional.

^{ix} Há convivência e atuação em política cultural voltada para a multiculturalidade dos povos dos grupos formados por indígenas, negros, asiáticos e experiências digitais de cooperações, organizações não governamentais, catálogos globais (Museum Documentation Association - MDA (SPECTRUM, 2006), Visual Resources Association - VRA, RLG e OCLC - Online Computer Library Center, entre outros).

^x Sobretudo no Brasil, as experiências com museus e uso tecnológico, ainda têm sido muito tímidas. Exemplos como o Museu Paulista da Universidade de São Paulo e o Museu de Arte Contemporânea, aplicam softwares especializados em banco de imagens para fotografias e descrição de obras de arte.

^{xi} Centros de documentação, arquivos e coleções de bibliotecas são apropriadas por muitos museus e exigem práticas que respeitem cada metodologia (BELLOTO, 2004).